



A HERMENÊUTICA DA BÍBLIA EM FÍLON DE ALEXANDRIA

(The Bible hermeneutics in Philo of Alexandria's thought)

Renan Gomes Fogaça

Monge trapista do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo - Campo do Tenente (PR)

Robson Stigar

Doutorando em Ciência da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

E-mail: robsonstigar@hotmail.com

RESUMO

Fílon de Alexandria é um precursor tanto da união entre filosofia e teologia como da hermenêutica bíblica do texto em diversos níveis de aprofundamento. Herdeiro de uma longa tradição, teve seu pensamento rejeitado no judaísmo após uma ruptura com a cultura grega no século I d.C., porém, manteve-se como referência da Patrística e de todo pensamento cristão, tendo uma influência perene. A hermenêutica em Fílon é estudada, sua opção pelo platonismo, seu método alegórico e o que nosso autor buscava contemplar através deste método. A união das culturas grega, judaica e cristã é abordada, buscando analisar a complexa realidade que surgiu deste encontro e a marca que deixou na Bíblia, nas obras de Fílon e nos autores que foram por ele influenciados.

Palavras-chave: Bíblia; Cristianismo; Hermenêutica; Judaísmo Helenista; Médio Platonismo.

ABSTRACT

Philo of Alexandria is a forerunner of both the union of philosophy and theology and the biblical hermeneutics of the text at various levels of deepening. Heir of a long tradition had his thinking rejected in Judaism after a break in the first century AD with Greek culture, but remained as a reference of Patristics and all Christian thinking, having a perennial influence. The hermeneutics in Philo is studied, its option for Platonism, its allegorical method and what our author sought to contemplate through this method. The union of Greek, Jewish and Christian cultures is approached, seeking to analyze the complex reality that emerged from this encounter and the mark it left in the Bible, the works of Philo and the authors who were influenced by him.

Keywords: Bible; Christianity; Hermeneutics; Hellenistic Judaism; Medium Platonism

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca uma reflexão sobre a hermenêutica em Fílon tendo como base o método alegórico, mas procurando fazer uma expansão. A alegoria é problematizada, buscando entender o contexto do encontro das culturas grega, judaica e cristã mais profundamente. Fílon se tornou um autor de muito interesse para os estudiosos a partir do



século XX. Sua obra influenciou uma longa e complexa ramificação de autores ao longo dos últimos dois milênios.

Possivelmente o que melhor define o judeu de cultura grega Fílon de Alexandria são os paradoxos: filósofo que se confunde com o teólogo; autor judeu que se tornou patrimônio cristão; membro de uma escola alexandrina de platonismo que se mesclava ao estoicismo e pitagorismo; mestre da alegoria que não renegava o sentido literal; judeu da diáspora que visitou Jerusalém, porém dizia que a verdadeira Jerusalém não deve ser procurada em latitudes terrenas; defensor de seu povo e ao mesmo tempo tio de um apóstata que foi lugar-tenente de Tito no fatídico cerco de Jerusalém em 70 d.C.

Fílon tinha diante de seus olhos um texto a ser interpretado que lhe remetia a realidades muito mais profundas do que simples palavras. Este olhar contemplativo, que se serve da alegoria, será dentro do possível delineado por este artigo. Para aproximarmos-nos do distante mundo de Fílon e da Antiguidade, uma longa introdução sobre sua cultura e fundamentos da hermenêutica serve como alicerce para este estudo.

1. BIOGRAFIA

Nascido por volta do ano 15 a.C. de uma eminente família judaica ligada à casa reinante da Judeia e aos segmentos dominantes da sociedade romana, pouco se sabe a respeito de Fílon de Alexandria de forma precisa, permanecendo uma figura altamente enigmática. Natural de Alexandria, no Egito, nada se sabe sobre seus pais. Seu irmão Caio Júlio Alexandre é alabarca¹ e mantém relacionamento com a filha de Marco Antônio. Seu sobrinho Tibério apostatará do judaísmo, será procurador da Judeia, prefeito do Egito, depois lugar-tenente de Tito na sede de Jerusalém.

Sendo um judeu piedoso, Fílon fala sobre Jerusalém e do Templo como suas referências, mas também fala de Alexandria com admiração e afeto, chamando-a de “nossa cidade”. Tendo sido desde a infância um judeu na diáspora², Fílon não demonstra ter a dispersão de seu povo como um sofrimento. Este acabou sendo um ponto determinante da vida de Fílon, algo que se desenvolveu ao longo de sua vida e penetrou em seu pensamento: participar da vida e da cultura dos cidadãos do Império permanecendo profundamente judeu foi o ideal a cuja realização se dedicou.

¹ Título grego que se dava ao chefe da comunidade judaica na cidade de Alexandria, durante o período helenista (cf. CALABI, p. 14).

² A diáspora (“dispersão”) na história dos judeus se verificava quando (1) os judeus “dispersos” fora da Palestina constituíam uma entidade suficientemente representativa, numerosa e estruturada; e também, e simultaneamente, quando (2) eles eram politicamente senhores de pelo menos uma parte do território da Palestina, sob uma dupla autoridade, a de um Estado mais ou menos independente e a do templo único de Jerusalém. Com a destruição do templo e do Estado a diáspora se tomava exílio, os judeus não tinham mais sua referência. O termo diáspora apareceu com a tradução da Bíblia grega e ganhou posteriormente sentido mais lato: a situação dos judeus dispersos entre as nações pagãs; o grupo ou grupos de judeus residentes fora da Palestina; os lugares ou territórios nos quais viviam os judeus dispersos (Cf. PAUL, “O judaísmo tardio”, p. 101-102). Por extensão, o termo foi usado para qualquer povo disperso por motivos políticos ou religiosos (Cf. FERREIRA, p. 586).



Formado no mais elevado padrão da Paideia grega, tem no centro de seu pensamento de um lado a lei judaica, em especial o Pentateuco³, e do outro a cultura helenística com a formação enciclopédica (gramática, retórica, dialética, música, geometria, astronomia, física, etc.), serva da Filosofia, esta mesma subordinada à sabedoria espiritual. Tinha acesso a textos de primeira mão da Filosofia grega, de forma alguma dependendo de compilações posteriores. Fílon é um vanguardista na síntese entre fé e razão. Faz grande uso da aritmética simbólica inspirada nos pitagóricos, conhece o direito e a jurisprudência, tanto judaicos quanto gregos. Sua inspiração é, sobretudo, estoica e platônica, segundo amálgama inaugurada por Posidônio de Apameia e o médio estoicismo, mas o aristotelismo de outras escolas também está presente em suas obras.

Para Fílon, estudo e oração são realidades interligadas, tanto que chama seu Mestre na Filosofia de “o muito santo Platão”⁴. Desde a mais tenra idade descobriu o amor pelos estudos, como ele mesmo atesta: “Ainda com meus gemidos eu aguento, graças ao meu desejo pela cultura, enraizado em minha alma desde a juventude, que sempre tem pena e compaixão de mim, me ergue, e posso me alevantar.”. Fílon foi o defensor da comunidade judaica de Alexandria contra os *pogroms* suscitados em 38 d.C. pelo prefeito Flaco. Em um momento de fortes dissídios e conflitos dirigiu a embaixada enviada ao imperador Calígula no ano de 41 a fim de impetrar o seu favor e obter a liberdade no culto e observância da tradição.

Não sabemos a data de sua morte, mas certamente Fílon não estava vivo durante a queda de Jerusalém diante de Tito em 70 d.C. A morte, porém, não lhe gerava temor: “O homem decente e honrado, porém, não morre com a morte, mas depois de viver longamente parte para a eternidade, ou seja, é conduzido à vida eterna.”⁵

2. A METRÓPOLE DE ALEXANDRIA E O JUDAÍSMO HELENISTA

A cidade de Alexandria foi fundada por Alexandre Magno em 332/331 a.C., recebendo o seu nome. Fica em uma pequena faixa de terra entre o Mediterrâneo e o Lago Mareotis. Seu porto era largamente artificial; seu trabalho fabuloso era a conexão entre a cidade e a Ilha de Faros, onde se encontrava o farol que era uma das sete maravilhas da Antiguidade. Alexandria era uma das três maiores cidades do Império Romano (junto de Roma e Damasco) e este ambiente plural e cosmopolita exercerá grande influência na pessoa de Fílon. Possivelmente teve quinhentos mil habitantes no seu pico.

³Fílon cita ao longe de suas obras trechos de ao menos dezoito livros das Escrituras. A maioria dos estudiosos diz que Fílon não sabia hebraico ou tinha apenas conhecimentos rudimentares (Cf. Nougé em Questões sobre o Gênesis, p. 28 e 37).

⁴ Cf. WINSTON, p. 2. Para Fílon havia uma união entre os filósofos gregos e os santos profetas de Israel: Moisés é o mestre dos filósofos e dos legisladores, e é a Lei de Moisés que dá sentido à filosofia grega e à política romana. O “santíssimo Moisés” representa uma perfeição quádrupla: filósofo-rei, legislador, sacerdote e profeta. Esta união entre os profetas e os filósofos já havia sido feita em Alexandria antes de Fílon e posteriormente, a tal ponto que no século II d.C. Numênio de Apameia iria dizer “o que é Platão a não ser um Moisés que fala em Ático?” (Cf. HUISMAN, p. 384; Vida de Moisés 2, *apud* SATRAN, p. 573; WINSTON, p.4; CALABI, p. 178).

⁵ Cf. Questões sobre o Gênesis, p. 66.



Escritores antigos louvam a beleza da cidade em seus extensivos parques e avenidas margeadas por colunas. Alexandre aí instalou muitos centros de governo, aglomerado que se desenvolverá enormemente e se tornará verdadeira metrópole, rica em atividades e riquezas, encruzilhada de povos e de tráficos; centro cultural de prestígio; sede da Biblioteca, que reunia mais de meio milhão de papiros; do Museu; de escolas. A cidade tornou-se um pólo de cultura e língua grega, legado do Império de Alexandre, e tornou-se um centro das ciências filológicas, filosóficas e teológicas. Também a cultura hebraica em língua grega nasceu e se desenvolveu no ambiente de Alexandria, produzindo a tradução do Antigo Testamento.

Foi em Alexandria que o Livro da Sabedoria de Salomão foi composto. Esse ambiente atraía muitos mercadores e intelectuais da época, e o próprio arcabouço de conhecimentos da obra de Fílon isso revela: sua exegese bíblica tem relação com a dos estoicos Cornuto e Queremão, aplicada à mitologia grega e às tradições egípcias, o que testemunha o complexo e vasto ambiente intelectual de Alexandria.

Segundo Josefo, o próprio Alexandre Magno teria instalado nela os judeus por ocasião da sua fundação. “Alexandre encontrou neles (os judeus) aliados cheios de zelo contra os egípcios e, em recompensa pela sua ajuda, concedeu-lhes autorização para residirem na cidade com os mesmos direitos que os gregos”. Segundo Fílon, havia judeus por toda a cidade, mas em especial um dos cinco distritos da cidade, chamado políteumas, era habitado por judeus; essa era provavelmente a maior concentração de judeus no mundo antigo, e uma das mais ricas e influentes.

A comunidade judaica desfrutava de situação muito favorável na terra onde no passado haviam sido escravos. O próprio Fílon empresta um olhar admirado à cidade e seu território, não obstante a atávica desconfiança que um judeu teria em relação ao Egito. Embora os judeus não gozassem do direito de cidadania, não deixavam de ter numerosos privilégios, particularmente o da autoadministração. Ocupavam situação intermediária na sociedade. Muitas vezes eles não conheciam sequer o hebraico e haviam adotado alguns costumes gregos, instrumentos necessários para ascender socialmente.

A helenização, especialmente viva entre as populações da diáspora, se difundira também em Jerusalém, sobretudo entre os segmentos elevados, ao passo que era frequentemente hostilizada por grupos rurais e pela parte menos abastada da população, mais ancorada na tradição dos antepassados. Fílon fazia parte do primeiro segmento, o dos aristocratas: ele qualificava de “pátria” todos os países nos quais houvesse judeus estabelecidos e chamava de “nossa língua” o grego koinê, deixando evidente a sua apropriação pessoal do helenismo.

A presença de sinagogas em Alexandria é atestada por Fílon em *Legado a Caio*: “As sinagogas eram numerosas em todos os bairros da cidade”. A sinagoga estava para o Templo como o políteuma para Israel. Foi na sinagoga que a religião judaica se perpetuou e manteve sua originalidade fundamental, tendo com certeza influência em Fílon. Os escritos de Fílon preservaram alguns relatos sobre sua vida pessoal, tendo o coração apegado a duas cidades. Homem de profunda piedade, Fílon foi até o Templo de Jerusalém oferecer orações e sacrifícios, enfrentou a aridez ao buscar a Deus no deserto e também a impassibilidade em meio a uma grande multidão, atribuindo as disposições da alma fiel ao próprio Deus que a move e conduz da maneira que Lhe compraz.



Por outro lado, Fílon sabia apreciar os prazeres da metrópole: frequentou as arenas fazendo uma comparação em seus escritos entre os lutadores e o homem virtuoso; frequentou as tragédias gregas, como uma encenação de Eurípides; frequentou os banquetes, e descreve a experiência de ter cedido aos deleites da comida como também ocasiões nas quais manteve a “razão persuasiva”, tornando-se mestre pelo autocontrole⁶.

A situação dos judeus mudaria drasticamente com a ascensão do Império Romano no Egito em 31/30 a.C, tornando-se uma província romana após a derrota de Antônio em Áccio perante Otávio. Derivaram mudanças nos segmentos sociais e entre grupos da população. A *laographía*, imposto pessoal instituído por Augusto no Egito em 24/23 a.C. a ser pago por todos os que não fossem cidadãos de uma cidade grega ou de Roma, desencadeou um processo e significou uma situação cujo termo e consequência foi, um século mais tarde e simultaneamente com o que aconteceu aos judeus na Palestina, o declínio quase total da diáspora, antes tão próspera e brilhante, dos judeus do Egito.

No ano 38 d.C., quando o prefeito romano do Egito era Flaco, os judeus de Alexandria sofreram dura perseguição. A visita do Rei da Judeia, Agripa, causou desentendimentos entre os gregos e os judeus, relação já abalada com o fim dos politeusmas. Fílon liderou uma comitiva enviada a Roma para buscar a clemência do Imperador. A missão é acolhida em meio à irrisão, gritaria e ultrajes. Calígula exigia a aceitação pacífica de que uma estátua sua fosse erguida no Templo ou que fossem subjugados pela guerra, e depois a estátua fosse erguida.

Fílon exortou os judeus que estavam com ele a serem corajosos, porque “Caio tinha colocado Deus contra si próprio”. Fílon disse em seu discurso “Nós não faremos de maneira alguma guerra contra ele (Calígula); mas ainda morreremos antes de ver nossas leis serem transgredidas”. Somente a morte de Calígula iria apaziguar (temporariamente) uma situação que dia após dia vai se tornando mais desagradável e perigosa.

Houve a mesma divisão entre os judeus alexandrinos que aconteceu na Palestina. Os banqueiros, mercadores e ricos comerciantes não tinham o menor interesse em se desligar dos gregos e romanos, mas os judeus mais pobres de Alexandria não viam uma possibilidade de aceitar uma coexistência pacífica com os gregos. Apesar dos esforços de Fílon, após sua morte a diáspora judaica no Egito seria desmantelada, seguindo os trágicos eventos entre os romanos e judeus na Palestina em 70 d.C. Alexandria posteriormente perderia o vigor como centro intelectual com a expansão do cristianismo e depois do islamismo, pondo fim ao seu período de ouro na Antiguidade.

3. SEPTUAGINTA: A SACRALIDADE DA TRADUÇÃO E LEGADO DE FÍLON PARA OS CRISTÃOS

Para qualquer judeu piedoso a *Tanach*, a Bíblia hebraica consiste no canal para a escuta do que o Altíssimo tem a dizer a seu povo escolhido. A Torá, os Profetas e os Escritos são o tesouro sagrado transmitido de geração em geração, posteriormente comentados pelos rabinos no Talmude. Fílon era verdadeiramente um judeu, mas ouvia o seu Criador não através do

⁶ Cf. WINSTON, p 77.



texto hebraico, mas do grego: a Septuaginta, como posteriormente ficou conhecida a tradução feita em Alexandria. Para Filon ela era tão sagrada quanto a versão hebraica.

As origens desta tradução estão no século 3 a.C. durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (283-246 a.C.). O relato que chegou até nós através da *Carta a Aristeeas* que fala em setenta e dois anciãos, hábeis nas linguagens e sem manchas na moralidade que traduziram a Bíblia hebraica ao grego, é tido pelos estudiosos modernos como duvidoso. Alimentar os judeus da politeuma judaica em Alexandria com a Palavra de Deus foi por certo o motivo para esta tradução.

A Septuaginta como a conhecemos atualmente, contendo todos os livros sagrados hebraicos e também livros escritos em grego (Sabedoria de Salomão, Macabeus, etc.) levou provavelmente um longo tempo até sua versão completa, e o tempo para sua conclusão varia muito na opinião dos estudiosos. Para Filon o provérbio italiano “*traduttore traditore*” seria uma afronta: fala dos responsáveis pela tradução da Septuaginta como profetas e hierofantes, não apenas tradutores. Existem estudiosos que de certa maneira corroboram com Filon: ela não é apenas a primeira tradução da Bíblia hebraica, mas também a sua primeira interpretação. Filon a entendia como uma interpretação sagrada.

A Septuaginta tinha grande autoridade entre os judeus da diáspora no século I d.C. Era a Bíblia grega, e por essa razão foi adotada pelos cristãos quando começaram a evangelizar o mundo helenístico⁷. A adoção pelos cristãos fez com que os judeus a rejeitassem: alguns rabinos falaram que trevas encobriram a Terra por três dias quando a Septuaginta foi escrita; outros falaram que aquele dia foi um dia tão triste para Israel como o dia do bezerro de ouro.

A influência de Filon na Antiguidade, dado o seu uso da alegoria e da Filosofia grega, foi escassa sobre a exegese palestina, a ponto de ele ser excluído dos cânones da tradição rabínica de interpretação. Não teve influência direta sobre os escritos do Novo Testamento, mas exerceu grande influência quanto à exegese e espiritualidade dos Padres, mediante Clemente, Orígenes, Gregório de Nissa, Justino Mártir e Ambrósio. Foi tratado quase como cristão por Eusébio e Jerônimo, e parece dever-se aos cristãos a conservação de sua obra. Eusébio cita grandes trechos do “A vida contemplativa” como testemunho da cristandade em Alexandria. Mais tarde, quando o judaísmo fechou-se a todos os influxos do mundo helenístico, Filon foi rechaçado e silenciado. Sua obra só chegou até nós por meio da igreja cristã antiga: utilizado por Clemente de Alexandria, foi, depois, transportado de Alexandria para Cesareia.

4. INTRODUÇÃO À HERMENÊUTICA E À HERMENÊUTICA BÍBLICA

Em termos gerais, a hermenêutica pode ser chamada de ciência da interpretação. Na concepção atual poderia ser definida como um método disciplinado de resolver mal-entendidos nas sentenças, palavras e no conjunto do texto; a dimensão psicológica e a gramatical da interpretação intervêm, uma clareando a outra, mas o seu significado pode ser mais bem compreendido acompanhando a hermenêutica ao longo dos séculos. A raiz da

⁷ Das trezentas e cinquenta citações do Antigo Testamento contidas no Novo Testamento, trezentas são seguindo a Septuaginta (ibid).



palavra hermenêutica (*herma*) tem sido atribuída ao mitológico Hermes, que era considerado o arauto ou mensageiro dos deuses. Foi atribuída a ele a invenção da linguagem e da escrita. Hermes seria o intérprete da palavra dos deuses aos homens.

Outros autores acreditam que o sentido originário da palavra *hermeneia* é a eficácia da expressão linguística. A hermenêutica, como ciência, é a busca de um significado. Brown (2011) elenca três significados para a palavra grega *hermeneia*: 1) a interpretação na própria fala, na medida em que a língua expressa e interpreta o que está na mente de alguém ou até mesmo o que constitui a identidade, o ser e a pessoa de alguém; 2) processo de tradução de uma língua para outra, implicando a questão da transferência de uma cultura e cosmovisão para outra e 3) interpretação mediante comentário e explicação, em um aspecto mais formal⁸.

Aristóteles foi quem estabeleceu a primeira e mais original relação entre o conceito de interpretação e o da compreensão. Em “Sobre a Interpretação” (*Peri Hermeneias*) ele diz “a *hermeneia* não se limita à alegoria, mas diz respeito a todo discurso significante (...) que interpreta a realidade, na medida mesma em que diz algo de alguma coisa... porque a enunciação é uma expressão do real mediante expressões significantes, e uma obtenção de impressões provenientes das mesmas coisas”.⁹

Schleiermacher¹⁰ foi o catalisador da hermenêutica geral. Posteriormente ele foi também considerado o pai da hermenêutica moderna, tornando-se uma teoria aplicada à interpretação de qualquer texto. Segundo ele “a hermenêutica dita as regras e a explicação do procedimento interpretativo, e vai além; procura entender este procedimento”. Heidegger, em sua hermenêutica ontológica, muda a hermenêutica de Schleiermacher ao afirmar que a existência humana é essencialmente hermenêutica; os seres humanos existem por meio da atividade interpretativa. Paul Ricoeur, assim como Gadamer, admite a universalidade da hermenêutica. Todo entendimento é uma forma de hermenêutica e é mediado pela interpretação sempre renovada; o sujeito não se conhece por intuição imediata; nós nos conhecemos somente por um longo giro de sinais da humanidade depositado nas obras culturais. Todo conhecimento requer interpretação.

Segundo Ricoeur os símbolos fazem surgir o pensamento. Eles são a primeira linguagem do pensamento e da religião, assim como a metáfora, a narrativa, a confissão, o culto, que oferecem um objeto para a reflexão filosófica. A análise humana não pode captar a vivência humana fora dessas expressões poéticas. “O que deve ser interpretado em um texto é um mundo proposto que eu poderia habitar”. Por mais extensa que seja a literatura sobre hermenêutica a partir de Schleiermacher, o presente artigo não se ocupará dela, dado que para Fílon a hermenêutica é a hermenêutica bíblica à luz da filosofia grega. No ato do discurso – do falar – deve haver uma clausura atual da polissemia potencial das palavras e das frases. Do contrário é impossível falar, a não ser que se mantenha uma polissemia deliberada, como na poesia ou na linguagem simbólica. No discurso, o autor produz um fechamento da mensagem que deseja transmitir.

⁸ Cf. BROWN & SCHNEIDERS, p.1124.

⁹ Cf. Ricoeur, *apud* QUEIRÓZ, p.1.

¹⁰Friederich Ernst Daniel Schleiermacher (1768-1834), nascido em Breslau, Alemanha, foi um filósofo do idealismo absoluto, sendo também teólogo (Cf. BLACKBURN, p. 342).



Nesse fechamento acontece um fenômeno: desaparece o emissor original da mensagem, o autor “morre” no próprio ato de codificá-la. Também o primeiro interlocutor não está presente, ainda mais nos textos religiosos que pretendem ter uma significação permanente. Assim, desvanece-se o horizonte do primeiro discurso. Os textos sagrados deixam a impressão que a carga de sentido é mais densa quanto menos se sabe do autor. A pretensão de fechar o sentido de um texto de forma conclusiva é vã e irreal. Em contrapartida toda leitura é “enclausuradora” de sentido, há um paradoxo no jogo entre polissemia do texto e monossemia da leitura.

Nenhuma tradição viva é estática, isso seria sua morte. O próprio fato de falar de tradição, porém, implica que há um contexto que a delimita, controla, marcando suas fronteiras. Aqui, sua releitura significa muitas vezes a divisão. Costumam haver duas saídas, quando a tradição chega ao momento de maior tensão em seu crescimento de sentido: ou se divide ou se enclausura em um cânon, o qual também excluirá aspectos da tradição, o que equivale a originar alguma divisão. Em um determinado momento de seu percurso, faz-se um “corte” e uma delimitação dos textos (orais ou escritos) que representam a interpretação dos acontecimentos que deram origem a essa mesma tradição. Em certo momento, no caso da Bíblia Sagrada, ela parece ser um só livro, com um só sentido querigmático, dado este corte canônico. A justaposição dos livros proporciona associações na Bíblia que nenhum autor singular pode ter feito, ampliando o significado originalmente pretendido.

É no rabinismo da época intertestamentária onde se pode detectar a tentativa de ler um segundo sentido sob o primeiro sentido de um texto, um sentido profundo por detrás do sentido simples das palavras¹¹. Fílon, estando nessa época, praticava como precursor, uma amálgama do que assumiria claras distinções entre a exegese rabínica e a exegese cristã. Para uma melhor compreensão do marco que o pensamento de Fílon representa faz-se relevante esclarecer as diferenças entre os dois ramos que se dividiram a partir de uma mesma fonte que é o judaísmo pré-cristão. O rabinismo pós-destruição do Templo iria se ocupar com a interpretação da Torá. O selo da autêntica hermenêutica rabínica seriam os tratados compilados posteriormente no Talmude, já isentos de qualquer influência do cristianismo, dentre eles o helenismo que os cristãos acolheram. Tratando a lei oral, transmitida pelos escribas judeus através dos séculos na Palestina, o judaísmo rabínico professou de fato que a lei escrita e a lei moral tinham sido reveladas a Moisés no Sinai, a lei oral completando e explicando a lei escrita. A exegese rabínica estava mais atenta aos textos pequenos, às palavras, enquanto a exegese cristã buscava sintonizar com o sentido total dessas Escrituras, lendo-as em chave cristológica. O *targum* era uma versão interpretativa do texto sagrado hebraico ao aramaico, feita pelos rabinos. O *midrash* era uma ampliação de um texto ou passagem até se tornar um novo relato. A interpretação midráxica era parte e uma parcela da maneira que os rabinos faziam seu estudo bíblico, e não apenas uma “interpretação imaginativa”.

Já a exegese cristã durante a Patrística se solidificou em torno da Igreja, acolhendo em meio a lutas contra doutrinas tidas como heréticas o que a filosofia e sabedoria grega tinham a oferecer. Tomaremos Santo Agostinho como exemplo. As suas Confissões revelam-nos as primeiras reações do jovem Agostinho em face da Bíblia. Sentia-se desiludido pelo estilo

¹¹Derash e Peshat na terminologia aramaica da época (Cf. CROATTO, p. 11-12).



vulgar e ingênuo, o qual não podia comparar-se com a grandiloquência de Cícero, estilo a que estava habituado. Agostinho tinha como base a erudição latina, como Fílon a erudição grega.

Agostinho veio em Milão a conhecer Santo Ambrósio, que usava o estilo alegórico e a autoridade da Igreja na interpretação das Escrituras. Ambrósio dissipou a sombra que os maniqueus haviam espalhado sobre a compreensão que Agostinho tinha das Escrituras. Após o seu longo processo de conversão até chegar a Bispo de Hipona, Agostinho haveria de se tornar a referência em erudição bíblica, e para ele só a Igreja católica poderia lhe garantir as verdades a crer. A Bíblia apresenta-se indissolivelmente unida ao problema da existência da Providência e da Pedagogia divina, que agora conduzia a Igreja de Cristo. Agostinho empregou toda sua sabedoria pagã em prol de seu ministério como Bispo, o que influenciou em sua exegese. A finalidade moral e a motivação prática do momento, visadas por sua pregação, levavam-no a incontestáveis abusos do sentido alegórico. Suas tendências exortativas afastam-no não poucas vezes do sentido hermenêutico certo, pelo menos segundo os parâmetros atuais de hermenêutica.

Fica claro como Fílon está muito mais próximo da hermenêutica cristã do que da rabínica pós-destruição do Templo. O platonismo, a Septuaginta, o método alegórico e a língua grega, alicerces da erudição de Fílon, tornaram-se patrimônio cristão. Após este longo regresso da contemporaneidade até a Antiguidade, podemos ocupar-nos com a hermenêutica do próprio Fílon.

5. A HERMENÊUTICA EM FÍLON

Tomaremos como base desta reflexão a afirmação de Nikiprowetzki sobre Fílon: a sua obra, cheia de múltiplas explicações e diversos planos de aprofundamento pessoal, tem sua unidade ao se ater ao texto de referência. A obra de Fílon não possui um núcleo próprio, e sim o encontra na Lei de Moisés. *A Torá é o centro*. Considerando a estabilidade deste centro em suas obras, Fílon ao interpretar os textos sagrados circunda algo que não foi sua criação, e sim algo que contemplou. A sua obra busca aprofundar, à luz do que havia de melhor na sabedoria humana, o que nos foi dado como um dom. A hermenêutica está unida à piedade religiosa.

O primeiro texto a ser considerado é o relato sobre o Jardim do Éden, presente no Livro do Gênesis. Sendo do conhecimento de todos em seu sentido literal, Fílon apresenta-o sobre outro ângulo:

A meu ver, tais considerações (sobre o Jardim do Éden) parecem supor um filosofar em sentido mais simbólico que próprio, pois sobre a terra ainda não apareceu no passado nenhuma árvore da vida nem nenhuma árvore do conhecimento, nem é verossímil que apareçam no futuro. Parece, antes, que com o nome de “jardim” Moisés faz alusão ao princípio hegemônico da alma, repleta de algum modo dessa miríade de plantas que se chamam opiniões (*dóxai*); com o nome de árvore da vida, à piedade para com Deus (*teosebia*), a maior das virtudes, que torna a alma imortal; e com o nome de “árvore do conhecimento do bem e do mal”, à prudência (*sophrosyne*), virtude com que se julgam as coisas contrárias por natureza. (Da Criação do Mundo, 154, p. 99)



Nosso intelecto discursivo não pode perceber estas plantas sendo cultivadas pela palavra de Deus, pelo contrário, muitos textos da Bíblia Hebraica (ou Antigo Testamento) são de dura assimilação. As palavras suscitam uma rejeição inicial. Como diria Orígenes aos que rejeitavam o método alegórico ao ler estes textos “o (homem) simples acredita em tais coisas (ditas sobre Deus no Antigo Testamento) as quais não acreditaria se ditas sobre o mais selvagem e injusto dos homens”.

O método de Fílon para a retirada deste véu é o método alegórico. A alegoria em seu sentido clássico é o método de interpretar as Sagradas Escrituras e de descobrir além das coisas, dos fatos e das pessoas, que elas tratam verdades permanentes de natureza religiosa ou moral. Em sua origem a alegoria era antes uma forma de discurso, depois se tornou uma técnica explícita de interpretação (alegorese). Os estoicos usavam a palavra *hyponoia*, uma forma de comunicação indireta¹². Fílon esclarece sobre a dificuldade de encontrarmos este suposto paraíso perdido: “No lugar das nascentes dos rios não há nenhum Paraíso (...) a não ser que nesta passagem os tópicos sejam alegóricos, e os quatro rios sejam um símbolo das quatro virtudes”¹³.

Um segundo texto para esta reflexão é o relato do dilúvio no tempo do Patriarca Noé: a terra, retangular e sustentada por colunas, foi se enchendo de águas após um decreto divino que mantinha as janelas do firmamento abertas. Estando nós incapazes de afirmar ou não o acontecimento histórico de tal dilúvio, Fílon aponta outro caminho de interpretação:

Quando as torrentes do intelecto são abertas pela insensatez, pela loucura, pelo desejo insaciável (...) então se trata verdadeiramente de grande dilúvio. (Por outro lado) o intelecto íntegro (de quem vive segundo a Lei de Moisés, segue) vivendo no corpo como numa arca. (Questões sobre o Gênesis, II, 18, p. 124 e II, 27, p.127)

Não se trata de um acontecimento histórico distante, mas a percepção atual de dilúvios acontecendo no interior de pessoas que possivelmente não tenham consciência do que lhes acontece. Fílon percebeu essa dificuldade. Segundo ele “fora concebido pelo intelecto uma estranheza com respeito a todo mundo”¹⁴ e ainda “há um olho irracional distinto que se chama opinião”¹⁵, que percebe as coisas de maneira deturpada. Por consequência, a percepção do homem sobre si mesmo estava limitada.

Fílon recomendava que “seria oportuno que empurrassem seu intelecto para as profundezas em busca de verdades íntimas com o fim de possuir a verdade”. Quando uma pessoa está dividida entre o conhecimento influenciado pela sofística e a imagem da sabedoria pura, ela fica dividida (a alma racional) “até que a juíza de todas as coisas, a palavra de Deus, ao aparecer, separe e distinga o que é provável do que é verdadeiro”.

Para isso temos que retornar ao estado de Adão, que segundo Fílon, para Adão e Eva o “mundo (antes da queda) estava intimamente associado a eles”. A interpretação exige uma

¹² Cf. ADRIANO FILHO, p. 1.

¹³ Cf. Questões sobre o Gênesis, I, 12, p. 63-64.

¹⁴ Cf. Questões sobre o Gênesis, I, 40, p. 76.

¹⁵ Cf. Questões sobre o Gênesis, I, 39, p. 76.



mudança no intérprete. Deus pode realizar em nós este estado aparentemente utópico porque “quando se prepara para algum feito miraculoso, Deus muda o interior da natureza”. Um exemplo disso é analisar onde Fílon espera encontrar a terra que mana leite e mel¹⁶, a terra prometida de Jerusalém:

Segundo o platonismo bíblico de Fílon, o homem, após a queda, deixou de ser imóvel e começou a crer que o Deus imutável sofria mudança: “depois que se associaram ao engano, eles (Adão e Eva) transformaram-se e deixaram de ser imóveis, e passaram a acreditar que houvesse alteração e mudança n’Ele”.

A dificuldade da hermenêutica está em parte porque o homem sempre retorna a um deus antropomórfico, dado que não pode por seu próprio mérito conceber algo além dos limites de sua razão. Um exemplo disso seria tentar buscar no relato da criação em seis dias um paralelo cósmico das atividades humanas: “Diz Moisés que o mundo foi criado em seis dias não porque o Criador tivesse necessidade de certo espaço de tempo – pois é provável que Deus tenha feito todas as coisas de uma só vez, não só ordenando-as, mas concebendo-as - senão porque nas coisas criadas é necessário ordem. Algo próprio à ordem é o número”. A ordem pode nos revelar Deus, a perfeição do criado levar ao Criador. Como diria posteriormente São Tomás de Aquino mesmo sendo Deus o fundamento de tudo, Ele deve ser alcançado por caminhos *a posteriori*; sendo Ele o primeiro na ordem ontológica, não o é na ordem gnosiológica.

Para Fílon esta via gnosiológica é segura: a linguagem bíblica, essencial, exata, privada de redundâncias e superficialidades, reflete fielmente as coisas narradas, a natureza descrita, a lei exposta. A Bíblia, dada por Deus, não contempla erros. Moisés ao escrever age como ainda em condições de captar as verdadeiras impressões fornecidas pelas coisas. Podemos considerar agora a Bíblia como nossa pedagoga em Fílon e em toda tradição bíblica helenista, dado que para nosso autor o homem deve viver em conformidade com o ensinamento do texto sagrado, não apenas interpretá-lo.

Paideia significa a formação do homem, sua melhoria e refinamento. Educação do homem como tal, ou seja, educação devida às “boas artes” peculiares do homem, às quais se atribuía valor essencial para aquilo que o homem é e deve ser, portanto, para formar o homem verdadeiro, o homem na sua forma genuína e perfeita. O conceito de paideia se modificou ao longo da história da Grécia Antiga, por isso nos referimos aqui ao período Helenístico, mais próximo de Fílon e do Livro da Sabedoria de Salomão, no qual a perspectiva do homem culto havia diminuído o ideal do desportista e belo.

Por mais que o ideal grego de homem fosse um ideal, uma ideia no sentido platônico, distante do ideal do “homem justo” semítico, a ideia de homem perfeito pode ser aproximada do “Adão restaurado”. Fílon chega a uma forma teológica-filosófica do conceito da paideia que pode ser descrita em termos de história da salvação. Não só Adão, mas Fílon apresenta os justos da Bíblia Hebraica como representantes da paideia. A ideia de uma paideia bíblica está presente em muitos textos da Septuaginta. O termo no Livro do Eclesiástico, capítulo 50, versículo 23, que a Bíblia de Jerusalém traduz por “Escola”, no texto grego é “Casa da Paideia”. O mais interessante ainda é que nos fragmentos hebraicos do Eclesiástico

¹⁶ Cf. a promessa feita por Deus em Ex 3,8.



descobertos no século XX o termo original era “Casa de Midrash”. São muitas também as ocorrências do termo *paideia* no original grego do Livro da Sabedoria de Salomão.

Para Fílon, o conceito de *paideia* é o agente e mediador da revelação da Lei de Moisés no mundo grego¹⁷. Porém, o uso do conceito de *paideia* na tradução do Antigo Testamento fez com que o termo grego adquirisse um novo e originalmente quase estranho significado. *Paideia* toma o sentido de disciplina e correção. Por outro lado, o texto do Antigo Testamento é permeado pelo elemento intelectual da cultura, educação e instrução para um grau muito maior do que pode ser dito do original. De certa maneira, os judeus helenistas enriqueceram o termo.

Porém há uma lacuna em Fílon: falta a figura do mestre que torna possível o progresso. Essa figura parece supérflua para o alexandrino, dada a relação direta que ele postula do homem e Deus. Aqui há um perigo de fácil percepção, talvez por isso Jesus Cristo diria a seus discípulos: “Quanto a vós, não permitais que vos chamem ‘Rabi’, pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos”, e o Talmude posteriormente diria que uma pessoa deve fazer duas coisas por si mesma: “encontrar um mestre, escolher um amigo”.

Podemos agora aprofundar os pressupostos da hermenêutica em Fílon: A Bíblia, escrita por Moisés por inspiração é a escritura da realidade; as leis da Bíblia são detectáveis também no cosmo ordenado por Deus segundo uma mesma lei; A Torá, modelo para qual Deus olhou no momento da formação do cosmo, é a estrutura do real; A busca pelo significado profundo do texto, suas inúmeras nuances, não implicam a rejeição da interpretação literal. Fílon também critica os extremo-alegoristas, que por sua “indiferença fria” agem como “se tivessem se tornado almas desencarnadas”. A própria natureza do texto, o seu caráter inspirado, determinam-lhe a profundidade e inesgotabilidade, uma complexidade em relação à qual as tentativas humanas de explicação não podem ser colocadas senão como parciais e incompletas, degraus sucessivos de sempre novas tentativas exegéticas.

A Bíblia, acolhida e estudada a fundo como palavra inspirada, interiorizada na alma do fiel, sendo este mesmo fiel educado pela *paideia* bíblica, leva a um contínuo aprofundamento no texto e no cosmos, ambos tendo a origem no mesmo Criador, cujas leis, sendo divinas, não podem se contrariar. Podemos, assim, redescobrir o cosmos como governado pela Lei de Deus. Redescobrir porque a relação dos antigos gregos e judeus com o cosmos, por mais diferenças que possam ser apontadas entre as civilizações antigas, era uma relação de comunhão, e não o divórcio que vivemos atualmente. A percepção de mundo de Fílon se revela em um texto de grande profundidade:

Fílon ligou a Lei de Moisés com a ordem natural, *kosmos*, e por conseguinte com a *physis*, afirmando que a ordem moral ou espiritual e a ordem natural não são forças opostas, mas nascem da mesma fonte. Esta posição filosófica cria uma complexa equação onde a Torá, tanto com sistema legal e documento, é revelada como a planta arquitetônica para a harmonia cósmica e política. A Torá é estabelecida como um texto de validade e significância universal.

Aprofundando a cosmologia de Fílon, vemos que os estudiosos não possuem uma posição clara de se Fílon concebia uma criação do mundo a partir do nada (*creatio ex nihilo*) ou se

¹⁷ Cf. KITTEL & FRIEDERICH, vol. V, p. 613.



Deus deu forma a uma matéria pré-existente. Não fica claro uma evolução do pensamento de Fílon, ou se ele é contraditório ou não tinha uma posição clara sobre o tema. Fílon diz que Deus “trouxe ao ser aquilo que não existia antes, agindo não apenas como artífice (*demiurgo*) mas também como criador”, mas também diz que Moisés antecipou Platão ao ensinar no Livro do Gênesis que havia água, trevas e caos antes do mundo vir a existência. Encontramos este mesmo dilema ao compararmos os livros da Septuaginta, escritos diretamente em língua grega. O Livro da Sabedoria diz “Bem que não teria sido difícil à tua mão onipotente, que criara o mundo da matéria informe”, o que a Bíblia de Jerusalém remete a uma inspiração parcial no Timeu de Platão e à eternidade da matéria.

Em contrapartida, o Segundo Livro dos Macabeus no discurso da piedosa mãe antes do martírio do mais novo dos seus sete filhos disse-lhe: “Eu te suplico, meu filho, contempla o céu e a terra e tudo o que nelas existe. Reconhece que não foi de coisas existentes que Deus os fez, e que também o gênero humano surgiu da mesma forma”, o que a Bíblia de Jerusalém aponta como a primeira afirmação explícita da *creatio ex nihilo* na Bíblia.

É importante notar, porém, uma modificação que Fílon faz no platonismo: no primeiro dia Deus criou o modelo daquilo que em seguida teria vindo à existência, modelo que reside na mente divina. O modelo platônico, que age na distinção entre modelo inteligível e cópia sensível, se explica aqui numa chave não platônica: as ideias não são separadas e ingeradas, como no Timeu, mas estão na mente de Deus. Fílon reelabora as teses da tradição platônica que contrastariam com a afirmação da unicidade de Deus e da sua onipotência. Ideias inteligíveis e mundo material, o visível e o invisível, Deus que agiu no princípio e age ainda hoje, tudo está acessível aos que buscam o Senhor.

O enxergar com os olhos da alma o invisível no texto bíblico, na própria alma humana e no cosmos é o fruto da hermenêutica de Fílon. O homem não precisa criar ou imaginar, apenas contemplar a Sabedoria de Deus que enche o Céu e a Terra. Vemos assim que o método alegórico é o canal pelo qual Fílon pôde encontrar a profundidade e a benevolência de Deus e da Criação. Para Fílon a base da escada representa a sensação ligada à terra; o topo é o *nous*, a parte mais elevada do intelecto humano. Sobre os degraus, sobem e descem as palavras divinas, que conduzem a alma para o alto, para o mundo noético e para a superação da corporeidade. É assim expressa a tensão que une as almas dotadas de virtude em busca do verdadeiro, e porque não dizer, das almas que buscam interpretar e se alimentar das santas palavras de Deus.

CONCLUSÃO

A hermenêutica em Fílon é uma hermenêutica do texto sagrado, mas também do homem e do mundo, com um envolvimento integral do intérprete em relação ao texto. A Bíblia não permanece refém do intérprete, pelo contrário, é ela quem vivifica e ilumina o leitor que persevera em sua busca. Uma árvore pode ser conhecida por seus frutos. As raízes lançadas por Fílon se desenvolveram ao longo de dois milênios em abundantes interpretações que se tornaram alimento para milhões de fiéis.

Entendemos que atualmente a redescoberta de Fílon por autores não-cristãos e o diálogo ecumênico podem expandir ainda mais o alcance desta fonte. Por mais que não tenhamos



autores compondo interpretações alegóricas no mesmo nível dos autores antigos, a assimilação deste patrimônio associado aos recursos modernos de exegese pode nos levar a um aprofundamento cada vez maior da Revelação bíblica. Infelizmente apenas seis obras das mais de quarenta de Fílon que chegaram até os tempos atuais estão disponíveis em língua portuguesa.

Porém o intérprete deve estar atento que a Bíblia é um alimento sólido, que requer um crescimento constante na vida de fé e prática dos mandamentos. Como diria Fílon “é bom enfrentar até o fundo as lutas da vida prática antes de dedicar-se à vida contemplativa”. A hermenêutica de Fílon revela sua solidez e relevância pelo alcance de seus métodos e ensinamento, associado ao exemplo de humildade e reverência diante de Deus que suas obras nos revelam.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 4º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ADRIANO FILHO, José. A Interpretação Alegórica do Antigo Testamento de Filo de Alexandria. STAGGS-UNIFIL.
- AGOSTINHO, Santo. A Doutrina Cristã. São Paulo: Paulus, 2002.
- ALEXANDRIA, Fílon de. Questões sobre o Gênesis (tradução de Guilherme Ferreira Araújo, apresentação de Carlos Nougué). São Paulo: Filocalia, 2015.
- _____. Da Criação do Mundo e outros escritos (Da Criação do Mundo segundo Moisés; Da Incorruptibilidade do Mundo; Da Imutabilidade de Deus; da Providência. Tradução de Luíza Monteiro Dutra, apresentação de Carlos Nougué). São Paulo: Filocalia, 2015.
- BERNARDINO, Angelo Di. Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BLACKBURN, Simon. The Oxford Dictionary of Philosophy. Great Britain: Oxford University Press, 1996.
- BROWN, Raymond E. e SCHNEIDERS, Sandra M. Hermenêutica. In BROWN, Raymond E., FITZMEYER, Joseph A. e MURPHY, Roland E. Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2011.
- CALABI, Francesca. Fílon de Alexandria. São Paulo: Paulus, 2014.
- CLÉMENT, Olivier. Fontes: Os místicos cristãos dos primeiros séculos. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2003.
- COHEN, Shaye J.D. Josephus, p. 575-576. In LEVINE, Amy-Jill e BRETTTLER, Marc Zvi. The Jewish Annotated New Testament. New York, United States of America: Oxford University, 2011.
- CROATTO, J. Severino. Hermenêutica bíblica. Rio Grande do Sul: Editora Sinodal, 1985.
- ENCYCLOPEDIA JUDAICA. Jerusalem, Israel: Keter Publishing House Jerusalem Ltd., 1972.
- FARIA, Jacir de Freitas. Pedagogia da Paideia Grega Helenística: Influência na educação judaico-cristã em textos bíblicos canônicos e apócrifos. In: Estudos Bíblicos. vol. 29, n. 113. Petrópolis, RJ: Vozes, Jan/Mar 2012.



- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário de Língua Portuguesa. 2º edição, 34ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GREENSPOON, Leonard. The Septuagint, p. 562-565. In LEVINE, Amy-Jill e BRETTTLER, Marc Zvi. The Jewish Annotated New Testament. New York, United States of America: Oxford University, 2011.
- HUISMAN, Dennis. Dicionário dos Filósofos. 1º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JOSEPHUS, Flavius. The Works of Josephus: New updated edition. United States of America: Hendrickson Publishers, Inc., 1991.
- KITTEL, Gerhard and FRIEDERICH, Gerhard. Theological Dictionary of the New Testament. United States of America: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1967.
- LECLERCQ, Jean. O amor às letras e o desejo de Deus: iniciação aos autores monásticos da Idade Média. São Paulo: Paulus, 2012.
- LELOUP, Jean Yves. Cuidar do ser: Fílon e os Terapeutas de Alexandria. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MCKENZIE, John, S.J. Dictionary of the Bible. 15º ed. New York, United States of America: MacMillan Publishing Co. Inc., 1965.
- MIRADOR. São Paulo: Encyclopædia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1994.
- MERTON, Thomas. O pão no deserto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- NAKANOSE, Shigeyuki. “Não tenha medo, vermezinho Jacó, bichinho Israel” (Is 41, 14). In Estudos Bíblicos. vol. 31, n. 123. Petrópolis, RJ: Vozes, Jul/Set 2014.
- PAUL, André. O judaísmo tardio: história política. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- _____. O que é o Intertestamento (Coleção Cadernos Bíblicos – 10). São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- POTOK, Chaim. The Chosen. United States of America: Fawcett Crest Book, 1967.
- QUEIRÓZ, José J. A Hermenêutica na interface entre a teologia e a(s) ciência(s) da religião.
- REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. História da Filosofia. São Paulo: Paulus, 2003.
- SATRAN, David. Philo of Alexandria, p. 572-575. In LEVINE, Amy-Jill e BRETTTLER, Marc Zvi. The Jewish Annotated New Testament. New York, United States of America: Oxford University, 2011.
- SILVA, Airton José. Paideia grega e apocalíptica judaica. In: Estudos Bíblicos, vol. 29, n. 113. Petrópolis, RJ: Vozes, Jan/Mar 2012.
- STERN, David. Midrash and parables in the New Testament, p. 565-569. In LEVINE, Amy-Jill e BRETTTLER, Marc Zvi. The Jewish Annotated New Testament. New York, United States of America: Oxford University, 2011.
- TARNAS, Richard. A Epopeia do Pensamento Ocidental. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- TRIGG, Joseph Wilson. Origen: The Bible and Philosophy in the third-century. United States of America: John Knox Press, 1983.
- WINSTON, David. Philo of Alexandria: The Contemplative Life, The Giants and Selections. New York, United States of America: Paulist Press, 1981.

Recebido em: 07/01/2018

Aprovado em: 26/06/2018